

NOTAS SOBRE IDENTIDADE: IDENTIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Helena Mara Dias Pedro
Universidade Federal Fluminense
Mestranda em Políticas Públicas
Helenamara_uff@hotmail.com

Aline Silveira Ferreira
Universidade Federal Fluminense
Mestranda em Políticas Públicas
eu.alinesilveira@hotmail.com

Viviane Lopes de Moraes
Universidade Federal Fluminense
Mestranda em Políticas Públicas
Viviane_uff@hotmail.com

Resumo

O presente artigo busca analisar o conceito de identidade na perspectiva das transformações ocorridas na contemporaneidade. Evidenciamos como as mudanças societárias têm propiciado negativamente na construção de identidades que não conseguem se vincular a esse processo globalizador.

Palavras-Chave: identidade; contemporaneidade; processo globalizador

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe apresentar o tema identidade, situando reflexões no sentido de compreender o significado de identidade como uma construção social.

No primeiro momento, utilizaremos de autores como Castells e Bauman que trabalham com o conceito e que enfatizam a afirmação que identidade é algo incompleto, e sempre estará em construção.

As identidades são apropriadas e descartadas a todo o momento no cotidiano da vida social, sendo este fato propiciado pelos novos engendramentos advindos com a modernidade. Destacaremos ainda, como a crise da identidade é vista como parte de um

processo mais amplo de mudança, onde as identidades modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas.

Abordaremos ainda, como a globalização tem transformado as configurações da modernidade e como tal transformação tem refletido nas configurações identitárias. Demonstrando que a globalização possibilitou uma maior interação dos indivíduos e destes com o mundo, possibilitando assim, um grande impacto sobre a identidade cultural.

CONCEITO DE IDENTIDADE

Na visão de Castells (2008) identidade é compreendida como “fonte de significado e experiência de um povo”. São nomes, idiomas, culturas que representem distinção entre o eu e o outro. Essas características de distinção, representam fontes de significados definidas pelos próprios atores, confirmando que não nascemos com uma identidade, mas sim o fato da identidade ser uma construção social, como ressalta o autor nas linhas abaixo.

“Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é

construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso aconteça. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.” (Castells, 2008, p.23)

Para Bauman (2005) a identidade passa por um processo contínuo de construção, permanecendo assim, sempre incompleta. Isso porque a modernidade gerou um mundo fluido onde as identidades se desfazem facilmente acompanhando o ritmo da modernidade líquida. :

A facilidade de se desfazer de uma identidade no momento em que ela deixa de ser satisfatória, ou deixa de ser atraente pela competição com outras identidades mais sedutoras, é muito mais importante do que o realismo da identidade buscada ou momentaneamente apropriada.

Quem constrói a identidade coletiva e para quê esta é construída são, na concepção de Castells (2008), os

determinantes do conteúdo simbólico desta identidade, e seu significado para os que com ela se identificam ou se excluem. Identificando que a construção da identidade acontece âmbito das relações de poder, Castells nos apresenta três formas e origens distintas de construção de identidades: legitimadoras, de resistência e de projeto.

A Identidade legitimadora é introduzida pelas instituições dominantes e tem como intensão a expansão de sua dominação. Em relação aos atores sociais.

Já a identidade de resistência nos passa a idéia de uma identidade mais reacionária e como forma dos atores que se encontram em situações desfavorecidas em relação à dominação.

E por fim, a identidade de projeto, onde os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, representa um ideal a ser alcançado.

O pensamento de Castells (2008) ainda enfatiza a necessidade de estabelecer diferenciação de identidade e papéis. A principal delas seria que a

identidade é construída de dentro para fora, utilizando-se de atributos coletivos, ou seja, seria o fato de uma pessoa se reconhecer na igualdade. Já os papéis são construídos de fora para dentro, sendo estabelecidos pela estrutura. A identidade possui mais relevância que os papéis, porque envolvem processos de auto-construção e individualização, organizam significados que fazem parte da identificação simbólica do ator.

As antigas identidades, que durante muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, antes visto como um sujeito unificado.

Este declínio é o que traz à tona o que chamamos de crise da identidade. Assim, esta crise é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, onde as identidades modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas.

Essa transformação está fragmentando o que antes fornecia localizações sólidas aos indivíduos como classe, gênero, sexualidade, raça, etnia, raça e nacionalidade. Percebemos assim, como tais transformações

influenciam diretamente na mudança das identidades pessoais e na idéia de sujeitos integrados. A esta perda do “sentido de si” é chamada por Hall de deslocamento ou descentração do sujeito, constituindo uma “crise de identidade”.

Tudo isso nos leva a crer que a própria modernidade está sendo transformada. Para Hall (2002) procede a afirmação de que como nosso mundo é considerado pós-moderno, nós somos também "pós" relativamente a qualquer concepção fixa de identidade.

Um olhar de Harvey (2004) sobre o assunto, acrescenta que algumas modificações no campo das ciências sociais são observadas e notoriamente apontam para transformações radicais tanto dentro do âmbito da prática acadêmica, na medida em que mudam estruturas de poder e o próprio estatuto do saber é questionado, como também na organização da sociedade concreta, graças às novas determinações do que se convencionou chamar de “Pós-moderno” ou “pós-modernidade.

Hall ainda nos revela algumas definições de identidade pertinentes ao nosso estudo. São elas: o sujeito do

Iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno:

O sujeito do Iluminismo consistia em um núcleo interior onde numa concepção da pessoa humana era baseada como num indivíduo totalmente unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, que emergia quando o sujeito nascia e se desenvolvia, mesmo que permanecendo o mesmo em sua essência, se perpetuando ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

O sujeito sociológico refere-se à concepção de que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, refletindo assim, a complexidade do mundo moderno, demonstrando que sujeito não é autônomo e auto-suficiente, era formado na relação com outras pessoas, mediando assim os valores, sentidos e símbolos presentes nas relações sociais. A identidade perpassa o sujeito à estrutura. O sujeito ainda tem uma essência interior que é o "eu real", este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades oferecidas

por estes. No entanto, o processo de identificação tornou-se mais provisório.

Desta forma, produz-se um sujeito “pós-moderno” onde a identidade não é permanente e sim móvel, formada e transformada continuamente à medida que acontecem as relações e os trânsitos culturais. Sendo assim, o sujeito assume diferentes identidades, em diferentes momentos, o que nos mostra que a construção da identidade é algo que é definido historicamente.

A GLOBALIZAÇÃO TRANSFORMANDO AS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NA MODERNIDADE

A globalização como nova e intensa configuração do globo, resultante do novo ciclo de expansão capitalista, possibilitou uma maior interação dos indivíduos e destes com o mundo, possibilitando assim, um grande impacto sobre a identidade cultural.

O termo em si, segundo Harvey (2004), era um termo totalmente desconhecido antes da metade da década de 70. Atualmente seus termos abarcam questões que ultrapassam questões meramente econômicas,

refletindo tanto na política como na cultura, na identidade nacional, e redimensiona o tempo-espaço, as hierarquias sociais, os conflitos sociais e as identidades coletivas num campo pós-nacional. Na concepção do autor, mesmo esse mundo sem fronteiras, não seria tão global assim, pois há uma diversidade marcante.

A globalização é discutida, segundo as categorias tempo/espaço, no âmbito do sistema-mundo, na pós-modernidade e à luz dos conceitos de nação, mercado mundial e lugar. No entanto, não se observa micro, o lugar que as pessoas ocupam no cotidiano, uma vez que muitos estão excluídos unicidade de informações e ao acesso a esse mundo global.

Na visão de Milton Santos (2005), a globalização expressa à fragmentação, isto porque expressa particularismos, econômicos, étnicos e nacionais. O autor enfatiza a necessidade de se estudar os lugares de modo a compreender suas possibilidades de interação. É no lugar que a identidade vai apropriar-se de dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, nacionais, regionais e locais.

Identidade está intimamente relacionada ao espaço que o sujeito ocupa no mundo. O mundo social habitado por esse sujeito reflete sua posição e é fruto de uma construção social. O espaço define quem somos no mundo e a posição da qual vemos o mundo.

Esse argumento é confirmado quando Harvey afirma que

“Nossa ‘posicionalidade’ ou ‘situacionalidade’ é uma construção social exatamente da mesma maneira como o modo de produção é uma criação social. Essa ‘posicionalidade’ define quem ou o que somos (ao menos neste momento). E a posição a partir da qual vemos no âmbito desse processo proporciona boa parte do material de que se ocupa nossa consciência e nosso imaginário.” (Harvey 2004, p.311).

Com estas afirmações nos questionamos: quem é esse sujeito que se encontra em situação desfavorável de posição no mundo? Que problema social que perpassa esse sujeito?

Bauman (2005) nos fala de indivíduos que não possuem recursos e admite que estes não possuem nem a opção de escolha da identidade.

“A etiqueta de preço colada à filiação involuntária e para toda vida, que não permite saída, não parece sinistra para todos, uma vez que o que lhes é negado – o direito da livre escolha da identidade – é no caso dos fracos e desvalidados, uma ilusão e, acrescentando o opróbrio à ofensa, também causa auto-reprovação e humilhação pública.” (Bauman 2005, p. 91)

Bauman (1998) em sua metáfora sobre turistas e vagabundos assinala a divisão da sociedade pós-moderna e afirma que uma sociedade marcada por um tempo-espaço flexível, em mutação constante, onde o que vale é a habilidade de se mover. No entanto, nem todos possuem tal habilidade.

Quem possui a habilidade de se mover são os turistas, que na recusa de uma fixação se movimentam, saem e chegam a qualquer momento e em qualquer lugar. Já os vagabundos são os restos do mundo que se dedicaram aos serviços dos turistas. Quando se movimentam é porque estão sendo empurrados pela necessidade de sobrevivência, e mesmo assim existem restrições nos espaços em que eles habitam. Quanto às tarefas exercidas pelos vagabundos são consideradas

humilhantes pelos *turistas*, mas que precisam ser feitas por alguém.

Analisando o cenário da contemporaneidade, sobre a perspectiva de Bauman, podemos enxergar como os indivíduos que não conseguem se vincular às estruturas são excluídos e não possuem nenhuma condição de mobilidade na estrutura social.

Nesse sentido, Harvey (2004) sinaliza alternativas para pensar o desenvolvimento geográfico desigual utilizando-se da metáfora do “arquiteto rebelde”, o qual constrói possibilidades políticas numa variedade de escalas espaço-temporais. Provoca pensar alternativas nos induzindo a agir de outra maneira, a partir de uma política das coletividades, que transcenda as particularidades para que possamos pensar uma alternativa universal sobre compromissos pessoais e projetos políticos. Esta seria a geografia da esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber ao longo do trabalho, o conceito de identidade é algo construído socialmente, é incompleta, e sempre está em processo contínuo de

construção.

Bauman (2005) nos acrescenta que esse processo de construção está intimamente ligado aos preceitos da modernidade que gerou um mundo fluido onde as identidades se desfazem facilmente acompanhando o ritmo da modernidade líquida.

È na modernidade que surge o fenômeno da globalização, processo que possibilitou uma maior interação dos indivíduos e destes com o mundo, possibilitando assim, um grande impacto sobre a identidade cultural.

Nesse aspecto, observamos que muitos estão excluídos unicidade de informações e ao acesso a esse mundo global. Para Milton Santos (2005) a globalização expressa à fragmentação, isto porque expressa particularismos, econômicos, étnicos e nacionais. Identidade está intimamente relacionada ao espaço que o sujeito ocupa no mundo. O mundo social habitado por esse sujeito reflete sua posição e sua forma de ver o mundo.

Abstract

This article explores the concept of identity in the light of changes occurring in contemporary society. We showed how societal changes have

brought about negative impact on the construction of identities that can not be bound thereby globalizing process.

Key words: identity; contemporary society; globalizing process

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P.106-120.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2002.

HARVEY, D. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004. P. 15-33 e 305-334.

MACIEL, M. E.; MENASCHE, R. Alimentação e Cultura, Identidade e Cidadania. *Você tem fome de que?* Disponível em www.ibase.org.br. Acesso em 10 julho de 2008.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão*, 7ed. São Paulo: USP, 2005. P.139-161.